

A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM GRÁFICA NO BRASIL: MEMÓRIAS E PROJETO DE FUTURO

* A presença tardia e limitada das atividades gráficas no Brasil deriva não só das limitações impostas pelo estatuto colonial português, mas também do próprio atraso do colonizador na incorporação de conhecimentos que, milenares no oriente, se difundiam na Europa desde o século XI da era cristã. A impressão do primeiro livro em Lisboa - significativamente escrito em hebraico - data de 1487 sendo, portanto, bastante posterior à edição da Bíblia por Gutenberg. A repercussão do atraso do colonizador foi marcante: enquanto no México e no Peru já se imprimia desde o século XVI, as atividades gráficas - salvo iniciativas pioneiras e isoladas no século XVIII - só terão curso no Brasil a partir da criação da Imprensa Régia através de decreto datado de 13 de maio de 1808.

A história das artes gráficas em nosso país tem início efetivo no século XIX não sendo fortuito o fato que "é em torno da Imprensa Régia que se dá o movimento inicial da gravura no Brasil" (1). A gravura brasileira no séc. XIX caracterizou-se menos pelo desenvolvimento de técnicas e linguagens gráficas secularmente disponíveis no mundo ocidental, tais como a xilogravura e as diversas modalidades de gravura em metal, do que pela incorporação de um processo técnico de invenção então recente: a litografia.

A operação da Imprensa Régia, da Casa da Moeda, de tipografias privadas e de oficinas litográficas - destacando-se neste quadro a oficina do Arquivo Militar - acarretou, no século XIX, a multiplicação de artistas e artesãos gráficos que, em geral, eram estrangeiros ou brasileiros com formação no exterior. As atividades gráficas difundiam-se então pelo país mas o desenvolvimento da gravura artística no Brasil se deu, sobretudo, a partir da ação de Carlos Oswald. Artista brasileiro com formação no exterior torna-se, em 1914, professor de desenho e gravura no Rio de Janeiro. Sua atuação pioneira no ensino da gravura artística soma-se a um outro pioneirismo: realiza, com seus alunos, a Primeira Exposição de Gravura a Água Forte (1919).

* Iniciadas na segunda década de nosso século as atividades de ensino e mostragem de gravura artística multiplicaram-se, difundindo, ainda que de modo limitado, essa modalidade de linguagem visual. Derivou desta circulação de informações a internalização do processo formativo de artistas que encontraram na linguagem gráfica seu modo preferencial de expressão e a construção de uma sólida e positiva reputação da gravura brasileira. Assim agregaram-se às atividades dos mestres pioneiros - Oswaldo Goeldi, Livio Abramo, Lasar Segall, Raimundo Cella e o já mencionado Carlos

(1) Leite, J. R. Teixeira Leite - A Gravura Brasileira Contemporânea
Rio de Janeiro, Ed. AGRS, 1968.

X Oswald - as obras de novos artistas que, formados basicamente no país, conquistaram, especialmente nos anos 50/60, premiações nacionais e internacionais que conferiram à gravura brasileira grande prestígio.

A boa reputação conquistada nos anos 50 e 60 estimulou as atividades de ensino, a formação de um ampliado contingente de artista gráficos e a realização de mostras em espaços públicos e privados. Entretanto, esse círculo virtuoso rompeu-se nos anos 70 contrariando todas as perspectivas otimistas de futuro para a gravura brasileira formulada no passado próximo.

A consciência dessa ruptura produziu algumas iniciativas - dentre as quais se destaca a criação, em 1978, da Mostra Anual de Gravura de Curitiba - voltadas para informar, formar e reformar, respectivamente, o público, os artistas, a crítica e o circuito de exposições. Inscreveu-se nesse processo a celebração, em 1992, de um convênio de cooperação interinstitucional entre o Departamento Cultural da UERJ e a Escola de Artes Visuais/Parque Lage, inicialmente, nucleado na montagem de um circuito de exposições voltado para a (re)construção da imagem gráfica no Brasil. Nascia, assim, sob o signo de uma desafiadora construção de futuro uma experiência de cooperação que pretendeu ser, desde a origem, algo maior que o episódico. A regularidade, o padrão qualitativo e a continuidade do fluxo de informações visuais e verbais das exposições da Sala Imagem Gráfica no Parque Lage e na UERJ são maiores que os esforços pioneiros de João Carlos Goldberg e meus, que a sabedoria e generosidade de nossos sucessores Luiz Alphonsus^{DE} Guimaraens e André Lázaro e que o empenho da equipe que lhe deu vida ao longo de todos esses anos. Resta apenas esperar que esta grandeza não seja sepultada (pela imensa massa de mesquinha e mediocridade que (quase) sempre se avista no horizonte) Esperemos. Agindo.

?

GEORGE KORNIS

Rio de Janeiro, julho de 1995.